

A semiótica do professor

Seraphim Pietroforte

Atualmente, início do século XXI, as salas de aula lembram antes as salas do início do século passado do que as propostas – infelizmente, quase esquecidas –, da segunda metade do século XX. Nessa situação, ainda se encontram, habitualmente: (1) alunos alinhados feito soldados e trabalhadores de fábricas ou de repartições públicas, semelhantemente a personagens dos livros de Franz Kafka; (2) aulas expositivas e apostiladas, do ensino fundamental ao superior; (3) tendências pedagógicas conforme linhas de produção arcaicas do capitalismo... um ensino fordista, diriam os economistas – o mesmo Henry Ford, capanga dos nazistas na fabricação de tanques de guerra –. Todavia, nem sempre foi assim, houve tempos de propostas alternativas; nessas propostas, questionam-se variados aspectos da pedagogia, entre eles, as relações entre professores e alunos, em meio às quais, a proxêmica, isto é, as relações entre o espaço pessoal dos indivíduos no meio social.

proxêmica e semiótica

Na sala de aula, configuram-se ritos sociais, quer dizer, encenações sociais que, enquanto padrões de comportamento, aproximam-se das encenações teatrais, porquanto os envolvidos nelas assumem papéis devidamente marcados. Isso não significa o fim da liberdade; significa, isto sim, haver liberdade de atuar nas variadas cenas sociais e, com imaginação, criar outras tantas. Dessa maneira, nas encenações sócio teatrais, os membros de determinada cultura se tornam atores; para atuar, eles assumem significados específicos, identificados, no caso, a papéis temáticos, cuja função orienta, precisamente, a encenação.

Em vista disso, o que faz várias pessoas, voluntariamente, sentarem-se caladas diante de alguém falando durante, pelo menos, 30 minutos, e que, além disso, controla os turnos conversacionais dos ouvintes? Em poucas palavras, a resposta aponta, justamente, para a aceitação de um rito específico.

As condições desses ritos variam bastante; há, por exemplo: (1) o grau de limpeza dos envolvidos – partida de futebol de areia vs. reunião social –; (2) o grau de polidez – defesa de tese vs. show de rock –; (3) a hierarquia – cerimônias religiosas vs. encontros em bares –; (4) duração – saudações ligeiras em encontros momentâneos vs.

concerto de música erudita —... entres elas, tornam-se pertinentes, para a realização dos ritos sociais, as relações dos espaços pessoais entre os participantes. A proxêmica, portanto, mostra-se uma forma específica de semiótica, pois nela se estudam, nos espaços sociais, formas específicas de significação.

Nessas circunstâncias, considerando a aula enquanto rito, os atores da encenação coincidem com professores e alunos; entre as muitas relações possíveis entre os atores, há os espaços pessoais dos envolvidos. Tal rito, conseqüentemente, assume uma semiótica, geral e abstrata, realizada, pragmaticamente, nas salas de aula; nas variações desse protocolo, o distanciamento entre professores e alunos se descreve, a seguir, com base na categoria formal *aproximação vs. distanciamento*. Em outras palavras, nos papéis temáticos de alunos e de professores, prescreve-se a construção do espaço entre eles, se próximo ou distante, com variações da proxêmica entre alunos e professores e, por decorrência, variações do rito social chamado “sala de aula”.

os quatro doutores por uma tipologia da pedagogia baseada na história em quadrinhos

Há, pelo menos, dois modos de espacialização: (1) há a espacialização abstrata e conceitual, referente aos graus de *aproximação vs. distanciamento* entre papéis temáticos, envolvendo basicamente a hierarquia das relações; (2) há a realização dessa espacialização em ritos sociais concretos e específicos, nos quais aquelas formas abstratas se materializam. No rito da sala de aula, quando se prescreve distanciamento entre os papéis temáticos de professores e alunos, tal distância conceitual se materializa quer na posição destacada do professor diante dos alunos, separado deles por estrados ou microfones, quer na liberdade de movimento do professor, contrária à imobilidade das carteiras fixadas no chão, paralisando os alunos.

Desse modo, nos limites do eixo conceitual *distanciamento vs. aproximação*, deduzem-se dois modos básicos de espacialização conceitual entre professores e alunos: (1) a pedagogia do *distanciamento*; (2) a pedagogia da *aproximação*.

pedagogia do distanciamento ←————→ pedagogia da aproximação

Para prosseguir, recorrendo a personagens da história em quadrinhos, propõe-se uma tipologia dessa pedagogia; na proposta, a pedagogia do distanciamento é promovida pelo professor Doutor Destino.

O Dr. Destino figura entre as personagens da Marvel Comics; trata-se do célebre inimigo do Quarteto Fantástico, um grupo de super-heróis. O Dr. Destino, feito todo arqui-inimigo, pretende dominar o mundo; por ser o governante de país fictício do leste europeu, a Latvéria, Destino possui imunidade diplomática, andando livremente pelo mundo e impune por crimes contra a humanidade. O Dr. Destino se mostra autoritário; na sala de aula, ele se coloca como dono da voz, afirmando o distanciamento entre sua presença, dominante na aula – sua Latvéria particular –, capaz de tornar os alunos, com tal postura, súditos seus.

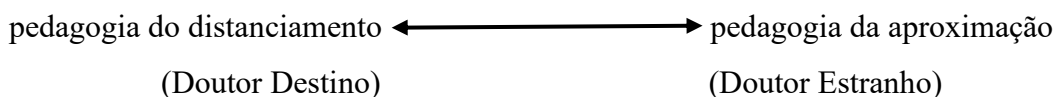


Contrariamente, a pedagogia da aproximação é animada pelo professor Doutor Estranho. O Dr. Estranho também pertence ao elenco da Marvel Comics; ele se revela o mago supremo, ou seja, o herói esotérico da Marvel, combatente de demônios e magos do mal. Em linhas gerais, o Dr. Estranho foi o famoso cirurgião Stephen Strange, todavia, infelizmente, após sofrer um terrível acidente de carro, perde boa parte da mobilidade das mãos; em busca da cura, o doutor penetra nos mistérios metafísicos da mente e do cosmos, conhecendo outros mundos e ampliando sua percepção. O Dr. Estranho concorda com o pluralismo; na sala de aula, ele partilha experiências com os alunos, que, longe dos súditos, tornam-se discípulos. Assim, afirmando a aproximação, o Dr. Estranho, para ensinar, busca aprender com a classe.

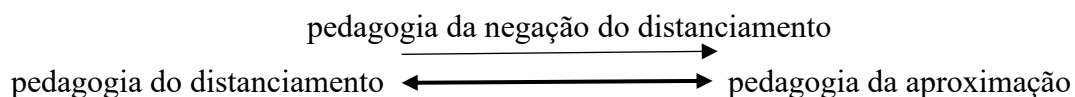


O Dr. Destino do modelo semiótico proposto se dedica, exclusivamente, a aulas expositivas, avaliando os conteúdos somente com provas de questões ou testes de múltipla escolha, pois somente assim ele garante a autoridade sobre a voz alheia; para reforçar essa posição, ele permanece em seu espaço no palco da aula, diante dos alunos, transformados em meros espectadores desse teatro. Imobilizados nas carteiras, os alunos não saem do lugar, enquanto o Dr. Destino se permite andar entre eles; por isso o nome Destino, porquanto ele rege a vida do estudante na sala de aula.

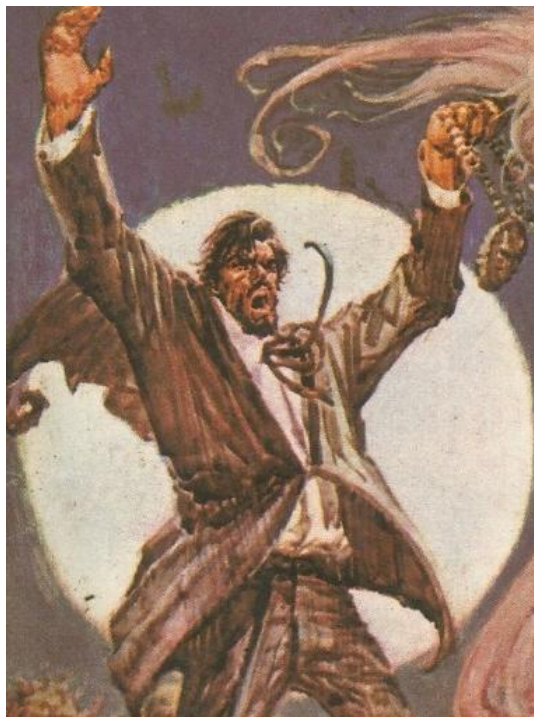
O Dr. Estranho, por sua vez, não abdica de aulas expositivas, mas elas se constituem, em seu pluralismo pedagógico, num recurso a mais; em meio às exposições de conteúdos programáticos, há aulas de discussões em grupo, nas quais o Dr. Estranho se senta com os alunos para debater. Nessas circunstâncias, por que estranho? Porque ele se define em relação ao Dr. Destino, quem assume o estilo de professor convencional no mundo burguês e conservador; conseqüentemente, ao contrariar o senso comum, ele parece estranho.



Considerando os Doutores Destino e Estranho nos limites definidos pela categoria formal *distanciamento* vs. *aproximação*, somam-se outros dois doutores nos percursos do eixo definido. Dessa forma, o cerimonial do Dr. Destino se nega na pedagogia da negação do distanciamento.

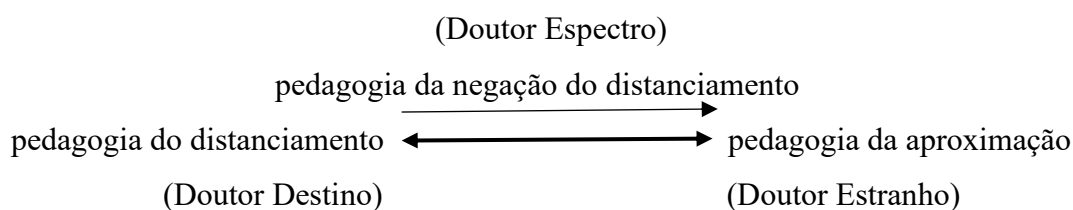


Tal pedagogia representa avanços na pedagogia do distanciamento; trata-se de amenizar os poderes do professor, quem, todavia, ainda centraliza boa parte da aula. Há predomínio de aulas expositivas, por isso a centralização nos saberes do professor, contudo, ele não rege, despoticamente, a vida os alunos, propondo antes pactos de convivência do que impondo ditames. Em vista disso, ao negar o distanciamento, nessa pedagogia se promovem debates e seminários, em que se incentivam todos a participar; sem esconder suas posições, o professor opina nas discussões promovidas, porém, ao observar as polêmicas, com o objetivo de avaliar os alunos, ele paira ao redor deles feito fantasma. Dessa maneira, com inspiração nos quadrinhos de terror, esse é o Doutor Espectro.

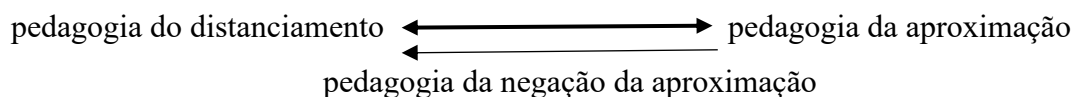


O Dr. Espectro se inclui entre as personagens pouco conhecidas no universo das HQs; ele pertence a um gênero específico de quadrinhos, bem menos popular que os quadrinhos de super-heróis da Marvel. Publicadas nos 1960 nos EUA, as histórias do Dr.

Espectro se classificam entre histórias de terror nas quais o narrador explícito apresenta contos macabros; tal forma de enunciação se utiliza frequentemente no gênero, quer na televisão, em seriados feito *Galeria do terror*, com o dono da galeria exibindo quadros amaldiçoados, quer nos quadrinhos, com Dr. Espectro narrando tramas macabras. Desse modo, escolheu-se o Dr. Espectro para a tipologia devido a seu nome, mas também porque, além de narrar e comentar as histórias de terror, ele atua nelas como personagem, semelhantemente ao professor em meio aos debates e discussões.



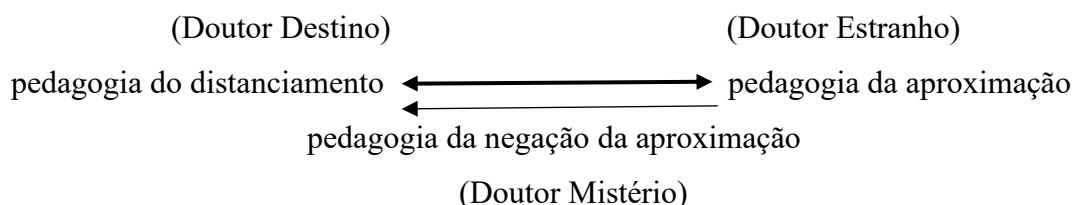
Em sentido contrário, nega-se a aproximação:



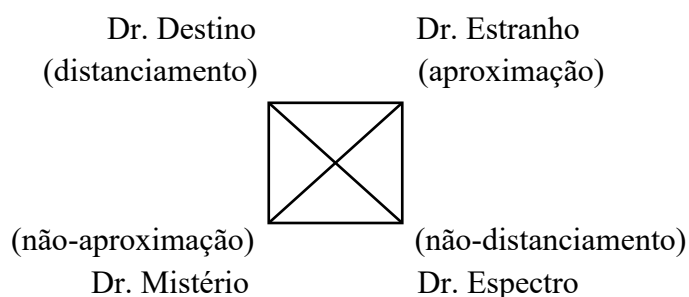
Nessa outra pedagogia, retomam-se frequentemente as aulas expositivas, no entanto, o professor dá voz aos alunos, mas somente via trabalhos dissertativos individuais, com propósitos de estimular diálogos mediados, apenas, por redações, portanto, distante das discussões coletivas. Ainda com inspiração nos quadrinhos de terror, configura-se o caso do Doutor Mistério, quem conhece o aluno, porém, não se deixa conhecer por ele.



O Dr. Mistério pertence à mesma linhagem dos narradores de contos de horror, contudo, ele não participa das aventuras. Evidentemente, a escolha ainda se deve ao nome da personagem; outrossim, feito no caso do Dr. Espectro, pende também para seu modo de ser, dessa vez sem participar, apenas observando.



No quadrado semiótico, eis a formalização:



a realização da cena enunciativa

Recapitulando, propõe-se descrever a semiótica da sala da aula a partir destes pontos de vista: (1) os ritos sociais se regem por cenas enunciativas, nas quais os participantes atuam em função de papéis temáticos; (2) a sala de aula se descreve em função da relação conceitual *aproximação vs. distanciamento* entre professores e alunos; (3) essa relação permite deduzir quatro regimes de atuação pedagógica; (4) no modelo proposto, batizam-se os regimes com nomes de personagens de histórias em quadrinhos. Resta verificar, por fim, como esse modelo abstrato se realiza em, pelo menos, duas dimensões semióticas: (1) na relação *enunciação vs. enunciado* durante a aula; (2) na disposição espacial dos alunos e professores na classe.

(1) relação *enunciação* vs. *enunciado* durante a aula:

Considerando que o enunciado se gera na instância da enunciação, por sua vez formalizada na relação enunciador-enunciatário, a aula se torna um enunciado, cuja enunciação, supostamente, engendra-se na relação *enunciador/professor* vs. *enunciatário/alunos*; em vista disso, cada um dos quatro doutores expressa a própria interpretação desse vínculo.

Para o Dr. Destino, tais relações se fixam, pois o enunciador se manifesta invariavelmente no professor e o enunciatário, nos alunos; mediante essa convicção, confirmam-se as aulas expositivas, consequentemente, a única possibilidade aceita nessa pedagogia. Para o Dr. Estranho, contrariamente, a relação *enunciador/professor* vs. *enunciatário/alunos* se constitui dialeticamente, admitindo que alunos se tornem enunciadore e professores, enunciatários, com o vetor mudando constantemente, complexificando a aula.

Com o Dr. Espectro, nega-se a relação unívoca da enunciação do Dr. Destino; o Dr. Espectro promove debates, contudo, embora participe deles, conserva o papel de enunciador final quando as trocas enunciativas entre os alunos já se realizaram, cabendo aos estudantes prestarem contas das discussões. Dessa maneira, enquanto o Dr. Destino limita a voz dos alunos e veta a comunicação, o Dr. Espectro concede voz aos alunos; todavia, por centralizar o papel do enunciador na avaliação final, limitam-se os debates dos enunciatários, dificultando, portanto, a comunicação franca entre os estudantes.

Por fim, com o Dr. Mistério nega-se a relação plurívoca do Dr. Estranho; dessarte, diferentemente do Dr. Espectro, quem promove debates a viva voz, o Dr. Mistério incentiva apenas as dissertações individuais, distanciando-se dos debates polêmicos e acalorados. Dessa forma, o papel do enunciador se concentra na figura do professor e a do enunciatário, nos alunos; nessa pedagogia, devido a comunicação se restringir às dissertações, os enunciatários se manifestam, porém, isoladamente e, muitas vezes, sem partilhar a ideias entre si.

(2) a disposição espacial dos atores alunos e professores na classe:

Na sala de aula, a semiótica espacial, em regra, dispõe-se, topologicamente, dessa maneira: (1) espaço *anterior* vs. *posterior*, delimitando, respectivamente, os lugares do professor e dos alunos; (2) espaço *anterior maior* vs. *posterior menor*, expressando o poder do professor refletido no espaço; (3) *mobilidade do professor* vs. *imobilidade dos*

alunos, efetivando o poder na correlação entre *mobilidade-liberdade vs. imobilidade-opressão*.

Nessa semiótica, O Dr. Destino ratifica tal disposição, enfatizando-a; o Dr. Estranho a contraria, efetivando, assim, sua pedagogia, que necessita de carteiras também móveis e não fixadas em estrados no chão, porquanto, daquela forma, organizam-se grupos de discussão e o professor consegue transitar entre eles. Já os Drs. Espectro e Mistério não violam o espaço tradicional, pois suas interferências dependem antes de relações sociais que, necessariamente, espaciais; o Dr. Espectro, com seminários, ou o Dr. Mistério, com as dissertações, não mudam pessoas e lugares na sala de aula, embora colocar-se ao lado ou ao redor do professor, em vez da disposição em linhas e colunas, facilite as duas pedagogias.

conclusão

Ao definir a significação enquanto objeto de estudo, a semiótica, independentemente das linhas em desenvolvimento, permite analisar quase tudo; isso se realiza quando o pensamento, inclusive, entende-se como linguagem, passível de se descrever por sistemas de signos e processos de significação. No entanto, sem pretender a totalidade, o semioticista se vale de suas considerações antes para problematizar a linguagem do que para resolver o sentido de tudo; dessa perspectiva, quando se pratica a semiótica da pedagogia, não se cogita, evidentemente, tornar-se pedagogo, visto que a pedagogia é uma ciência humana, logo, para falar em seu nome, deve-se pertencer a tal universo, formado por especialistas em ensino e educação.

bibliografia

- FIORIN, J. L. (1988). *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática.
- _____. (1989). *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto/EDUSP.
- _____. (1996). *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática.
- FLOCH, J. M. (1985). *Petites mythologie de l'oeil et de l'esprit*. Hadès-Benjamins.